

# 8M NA VOZ DAS MULHERES: O QUE TEMOS A DIZER?

## VOZ SINDICAL

Informações e  
Análises da  
Coordenação de  
ase do Sinasefe-SP  
IFSP São José dos  
Campos

## COORDENAÇÃO DE BASE DE SJC

Lenice Massarin  
Figueiredo  
Ricardo Rodrigues A. de  
Lima



Em razão das comemorações do 08 de março realizadas em nosso Campus e em todo o mundo, esta Coordenação de Base quer deixar um registro feito por nossas próprias servidoras/trabalhadoras a respeito do significado desta data. A leitura de seus depoimentos nos conduz a um universo de exploração do trabalho, autoritarismo, de jornadas duplas e triplas, de machismo entranhado. Há, por exemplo, angústia e preocupação em como conciliar trabalho e educação das crianças. Tais depoimentos confirmam, pelo ângulo local, muitos dos problemas gerais das mulheres no país. O boletim do DIEESE preparado para este 08 de março constata que não há “avanços para serem comemorados”. Sub-representação das mulheres na política, alto índice de violência (uma mulher assassinada a cada 6 horas no 1º semestre de 2022) e falta de equidade de gênero no mercado de trabalho compõem dados, infelizmente, permanentes em nossa realidade.

Mas, atenção, pois o que ela nos trazem aqui não são lamentos. Nos apontamentos que fazem e na esperança que nos trazem, há um programa a ser realizado, um caminho de mudanças sendo traçado nessa marcha cotidiana de mulheres se fazendo como sujeitos de sua própria história. Não há democracia, alegria ou emancipação humana que se possa realizar sem Elas! À luta! Boa leitura (CB-SJC).

---

## **Vozes das Mulheres sobre os desafios atuais que vivenciam no mundo do trabalho**

“O desafio maior que enfrento é conciliar o trabalho com a família (os filhos que são pequenos). Eles sentem falta da mãe quando voltam da escola no momento de dormir e isso não é fácil, pois tudo eles querem é a mãe”. **Láisa Conde R Moreira IFSP/São José dos Campos**

“O grande desafio ainda continua sendo o do reconhecimento da sua capacidade e competência, independente do gênero. Nós dos Institutos Federais não temos a diferenciação salarial que é vista em empresas privadas, mas ainda temos pouquíssimas mulheres em cargos de confiança e direção. E, infelizmente, nós servidoras ainda estamos sujeitas a um número muito grande de práticas de assédio moral e sexual”. **Servidora do IFSP/São José dos Campos**

“Os desafios são da vida, não só do trabalho. As responsabilidades que caem nas costas das

“Sou professora de Matemática. Há alguns anos, quando fui participar de um processo seletivo para trabalhar em um colégio particular, após ter passado na análise de currículo e entrevista com alguém do RH, me pediram para fazer uma aula teste para a coordenação. Preparei uma aula interativa, com perguntas e investigação, modo pelo qual gosto de trabalhar. Ao final da aula, a diretora, uma senhora de uns 60 e poucos anos, comenta: gostei do seu currículo, gostei da sua aula, mas para Matemática, eu gosto de professor homem, sabe? Ela tentou justificar seu ponto de vista, mas o descontentamento, sentimento de humilhação, me impediram de ouvir. Eu poderia tentar justificar o porquê de me contratarem, mas a única coisa que consegui falar foi: se a senhora não quer uma professora, mas sim um homem, então arrume um homem para a senhora! Peguei minhas coisas e saí da sala. Literalmente fechei uma porta. O machismo está na sociedade, é estrutural, ao ponto de mulheres dizerem atrocidades como essa para outras. Por que para Matemática é melhor homem? E por que para Pedagogia é melhor mulher? O que está por trás desse pensamento? Anos depois, estava trabalhando em um colégio bem conceituado na cidade. Lecionava no Ensino Fundamental 2. Eu trabalhava muito, tinha 9 turmas de 2 séries diferentes, ou seja, mais aulas para preparar, muitas provas para corrigir. Os demais docentes de Matemática davam apenas uma frente para quatro turmas. Achava que todos professores tinham o mesmo salário, talvez mudando pelo tempo de serviço na instituição, mas não!

mulheres na vida pessoal se refletem no trabalho. É difícil dissociar”. **Marina Mariano de Oliveira IFSP/São José dos Campos**

“O machismo enraizado em nossa sociedade sempre nos coloca no lugar de inferiores e subalternas. Quando uma mulher chega a um lugar que historicamente não foi construído para ela, é necessário trabalhar duas vezes mais para poder provar que merece estar ali. Nossas vozes poucas vezes são ouvidas e nossas ideias quase sempre são apagadas. Nossos gritos são abafados e nossa luta ignorada. Que o dia 8 de março sirva para lembrar a todos que nós merecemos respeito e que podemos estar (e estaremos) onde quisermos!” **Mariane Murase IFSP/São José dos Campos**

“Obter respeito dos colegas de trabalho”. **Tainã Moreira Gomes IFSP/São José dos Campos**

Descobri que meus colegas homens recebiam mais e que os professores do Ensino Médio (todos homens), mais que o dobro. Era um [machismo] sutil, certamente a escolha não era abertamente por professores do sexo masculino. Mas, coincidentemente, a maioria era. Mais uma vez era implícito, velado. Em 2028 fui fazer o doutorado em uma cidade a 300 km de minha casa. Eu ficava lá dois dias na semana, dormia uma noite na cidade. Frequentemente quando me apresentava como mãe de duas crianças e vindo de outra cidade era questionada: mas e seus filhos, ficam com quem? Eu respondia: eles têm pai. Será que essa mesma pergunta seria feita ao pai? Por que a preocupação de com quem deixar os filhos deve ser só da mãe? Estas três situações mostram como a sociedade ainda enxerga a mulher de maneira diferente no ambiente de trabalho escolar e acadêmico. Temos que estar atentas para perceber esses julgamentos, preconceitos, desigualdades e exclusões no ambiente de trabalho. São ações sutis, falas que parecem inofensivas. Temos sempre que estar lutando por igualdade e direitos. Às vezes, temos que fazer muito mais para mostrar que somos competentes e sem garantia de equidade, pois na sociedade as figuras do gestor, do intelectual, do cientista.... ainda estão vinculadas ao homem. O caminho começou a ser percorrido, mas ainda temos muito para andar”. **Priscila Lima IFSP/São José dos Campos**

“São diversos os desafios. Ainda há muita barreira a ser superada. Desafio em sermos ouvidas pelos gestores, que são predominantemente homens. Conciliar profissão e maternidade ainda é um desafio enorme para a maioria das mulheres, pois a relação desigual com os homens perpassa desde o tempo de licença concedido ao entendimento de que essa licença é também trabalho de ambos os responsáveis, pois é uma licença em benefício da criança. Na divisão de tarefas domésticas, a carga mental é muito mais pesada para as mulheres. Em termos salariais, continuamos em desigualdade, nos são reservadas as funções "cuidadoras", que tem sido historicamente desvalorizadas, ou quando em mesma função, ainda recebemos os menores salários. Ainda somos vistas e tratadas como meros objetos sexuais, em muitas ocasiões, às vezes de forma sutil, nos deixando embaraçadas, intimidadas, menores. Além das violências físicas sofridas. O machismo ainda impregna as mentes das próprias mulheres, ainda nos sujeitamos, nos vemos também como sujeitos menores ou dependentes, ainda nos esforçamos para agradar esse outro, mesmo que isso nos machuque. Há alentos, há evolução, há conquistas importantes. Dia a dia vamos superando barreiras, mas ainda é muito difícil ser mulher nesta sociedade de relações tão desiguais. Por isso, continuamos na luta por igualdade! Comemoramos as conquistas e sonhamos, que no futuro nossas filhas possam viver em um mundo mais justo!” **Servidora do IFSP/São José dos Campos**

“Conciliar horário de trabalho com cuidados pessoais e educacionais de filho pequeno”.

**Servidora do IFSP/São José dos Campos**

“Os desafios para a mulher na sociedade atual não se comparam aos do século passado. Conseguimos, a duras penas, nos inserir no cenário social como indivíduos capazes. A inserção no mundo do trabalho foi essencial para isso. No entanto, com a reatualização do conservadorismo (fenômeno mundial) temos assistido e vivenciando a sustentação da

sociedade patriarcal, que busca a todo custo retomar a concepção de que à mulher cabe o espaço doméstico e a submissão dos nossos corpos à satisfação do prazer masculino e à procriação. O aumento do feminicídio, ou, apenas a sua notificação pública, nos impacta diariamente como expressão de que qualquer coisa que façamos em prol da nossa afirmação como seres capazes, será paga com a nossa própria vida. Meu desejo é que os dias 08/03 possam ser lembrados como dias de reconhecimento, mas como dia de luta, até que

cheguemos ao estágio de apenas vagamente os lembrar que um dia fomos consideradas e tratadas como indivíduos inferiores”. **Servidora do IFSP/São José dos Campos**

“Garantir igualdade salarial, respeito dentro das instituições. Conciliar a vida familiar (filhos) com a rotina de trabalho”. **Vania Battestin Wiendl IFSP/São José dos Campos**

“São diversos os desafios. Ainda há muita barreira a ser superada. Desafio em sermos ouvidas pelos gestores, que são predominantemente homens. Conciliar profissão e maternidade ainda é um desafio enorme para a maioria das mulheres, pois a relação desigual com os homens perpassa desde o tempo de licença concedido ao entendimento de que essa licença é também trabalho de ambos os responsáveis, pois é uma licença em benefício da criança. Na divisão de tarefas domésticas, a carga mental é muito mais pesada para as mulheres. Em termos salariais, continuamos em desigualdade, nos são reservadas as funções "cuidadoras", que tem sido historicamente desvalorizadas, ou quando em mesma função, ainda recebemos os menores salários. Ainda somos vistas e tratadas como meros objetos sexuais, em muitas ocasiões, às vezes de forma sutil, nos deixando embaraçadas, intimidadas, menores. Além das violências físicas sofridas. O machismo ainda impregna as mentes das próprias mulheres, ainda nos sujeitamos, nos vemos também como sujeitos menores ou dependentes, ainda nos esforçamos para agradar esse outro, mesmo que isso nos machuque. Há alentos, há evolução, há conquistas importantes. Dia a dia vamos superando barreiras, mas ainda é muito difícil ser mulher nesta sociedade de relações tão desiguais. Por isso, continuamos na luta por igualdade! Comemoramos as conquistas e sonhamos, que no futuro nossas filhas possam viver em um mundo mais justo!” **Servidora do IFSP/São José dos Campos**

---

### **Desconstruindo Amélia** (Da cantora e compositora Pitty. Do Álbum Chiaroscuro. 2009)

Já é tarde, tudo está certo	Disfarça e segue em frente	A despeito de tanto mestrado
Cada coisa posta em seu lugar	Todo dia até cansar	Ganha menos que o namorado
Filho dorme ela arruma o uniforme	Uooh	E não entende porque
Tudo pronto pra quando despertar	E eis que de repente ela resolve então mudar	Tem talento de equilibrista
O ensejo a fez tão prendada	Vira a mesa	Ela é muita se você quer saber
Ela foi educada pra cuidar e servir	Assume o jogo	Hoje aos 30 é melhor que aos 18
De costume esquecia-se dela	Faz questão de se cuidar	Nem Balzac poderia prever
Sempre a última a sair	Nem serve, nem objeto	Depois do lar, do trabalho e dos filhos
	Já não quer ser o outro	Ainda vai pra night ferver
	Hoje ela é o também	

Música e letra indicada na resposta por **Fabiane Guimarães Marcondes IFSP/São José dos Campos**

## Memória: um pouco sobre a história do 8 de março no mundo e no Brasil

A história do 8 de março é apenas mais um capítulo da luta visceral de mulheres de todas as partes do mundo por igualdade, liberdade, dignidade e emancipação em relação à todas as formas de exploração, opressão, alienação e dominação a elas impostas ao longo da história.

É muito comum a ideia de que o Dia Internacional da Mulher surgiu em homenagem às 129 operárias estadunidenses de uma fábrica têxtil que morreram carbonizadas, vítimas de um incêndio intencional no dia 8 de março de 1957, em Nova York. Tal fato seria uma retaliação patronal a uma série de greves e levantes das trabalhadoras. Apesar de conhecida, pesquisas atuais revelam que esta versão sobre a origem da escolha pelo 8 de março não é verdadeira.

Historicamente, a celebração do 8 de março como Dia Internacional da Mulher surge como resultado da organização do movimento operário feminino para reverter as condições de exploração no trabalho que recaiam sobre as mulheres de várias partes do mundo no início do século 20. Ela é resultado de um movimento amplo que foi “pipocando” em diferentes países. Em 1908, em vários Estados dos EUA as mulheres comemoraram o Woman’s Day. Em 1910, Clara Zetkin, militante comunista e feminista alemã, propôs que as trabalhadoras de todos os países organizassem um dia especial das mulheres, tendo como objetivo promover o direito feminino ao voto. Isto ocorreu na II Conferência Internacional das Mulheres em Copenhague, na Dinamarca, o que já mostrava a internacionalização da luta das mulheres.

A resposta política a uma tragédia que ocorreu nos EUA também impulsionou a luta. Em 25 de março de 1911 ocorreu um incêndio na fábrica Triangle Shirtwaist, em Nova York, que matou 146 trabalhadoras e trabalhadores.

Eram 129 mulheres, muitas delas ainda adolescentes, na maioria imigrantes, entre 16 e 24 anos. 90 delas se jogaram pelas janelas dos prédios. Mesmo com a fumaça se espalhando, os patrões mantiveram as portas fechadas com medo de que as operárias roubassem algo. Segundo uma testemunha da época, Frances Perkins, que estava num prédio ao lado daquele onde ocorreu a tragédia, algumas jovens pularam de mãos dadas e abraçadas. Tal fato expressava as duríssimas condições cotidianas de trabalho das mulheres e da classe trabalhadora de modo geral que sustentava o avanço do capital e da indústria. A atuação coordenada pelo sindicato International Ladies' Garment Workers' Union (União Internacional de Mulheres da Indústria Têxtil) impulsionou a luta das mulheres operárias estadunidenses em defesa da melhoria de suas condições de trabalho.

No entanto, entre 1911 e 1914 o Dia Internacional das Mulheres foi realizado em dias diferentes do mês de março. A escolha definitiva pelo 8 de março viria após a greve das tecelãs de São Petersburgo, na Rússia, neste mesmo dia no ano de 1917. Na verdade, de acordo com o calendário juliano, seguido na Rússia, seria 23 de fevereiro, correspondente a 8 de março no calendário do Ocidente. Naquele dia, sob o lema “Pão e Paz”, as operárias russas e mulheres familiares de soldados russos que lutavam na Guerra passaram de fábrica em fábrica para convocar a classe trabalhadora russa a se posicionar contra monarquia e pelo fim da participação Russa na Primeira Guerra Mundial. Este foi um fato determinante para o desencadeamento do processo revolucionário russo de 1917, que culminaria com a vitória da aliança operário-camponesa e ascensão dos bolcheviques ao comando do Estado.

Em 1921, na Conferência Internacional das Mulheres Comunistas, o dia 8 de março foi aceito como dia oficial de lutas, em referência aos acontecimentos de 1917. Seria, conforme a líder e militante revolucionária Alexandra Kollontai, um dia para o fortalecimento da consciência política e da solidariedade internacional. A data foi reconhecida posteriormente pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 1975, o que reforçou o caráter internacional da data.

---

## Um capítulo desta história no Brasil

No início dos anos 1990, um jornal sindical que circulava pela Baixada Santista chamado Sol e Alegria: primeiro jornal sindical voltado para o lazer do trabalhador. Tratava-se de um jornal sustentado pelo Conselho das Entidades Sindicais Mantenedoras da Colônia de Férias do Estado de São Paulo. Em uma matéria de 1991, há uma interessante recapitulação desta história no Brasil e que tem como início exatamente o ano de 1975, citado anteriormente. Intitulada “Desculpem-nos, mas as trabalhadoras foram à luta”, a matéria retoma alguns importantes momentos do protagonismo das mulheres na luta pela democracia e pela organização sindical e autônoma da classe trabalhadora brasileira. Confiram!

“Desculpem-nos, mas as trabalhadoras foram à luta. Em março de 1975, entidades de bairro, de profissionais liberais, sindicais e especialistas estavam reunidas na sede do Palácio Mauá, nas proximidades da Praça da Sé, para formular um programa democrático de governo para São Paulo – que seria entregue ao governador recém-nomeado por via indireta Paulo Egydio Martins.

O encerramento do evento, que produziu a “Carta de São Paulo”, ocorreu no dia 8 de março – Dia Internacional da Mulher – e nessa sessão plenária foi proposto publicamente, pela primeira vez em São Paulo, comemorar o Ano Internacional da Mulher – proclamado pela Organização das Nações Unidas para 1975.

Na década de 1970, dois fenômenos importantes levaram as mulheres à organização: sua participação crescente na força de trabalho e o ressurgimento das lutas sindicais pelo aumento de salários e pela liberdade de organização e manifestação. Esses fatos tiveram reflexo sobre a sindicalização das mulheres que passou de 15% em 1970 para 21% em 1978 do total de sindicalizados urbanos.

No final da década (1978–1980) foram organizados os primeiros congressos de trabalhadoras (metalúrgicas de São Bernardo e metalúrgicas e químicas de São Paulo). Eles aconteceram porque o movimento sindical sentiu a necessidade de conhecer os problemas daquelas cuja presença era cada vez maior na categoria e no sindicato: só conversando, ouvindo detalhes sobre sua vida dentro da fábrica e na família seria possível incorporar suas reivindicações nas campanhas salariais e nas negociações por empresa.

Além disso, era preciso organizar uma programação destinada a discutir e encontrar soluções para os problemas enfrentados pelas trabalhadoras por ser mulher: violência, perseguição sexual, gravidez indesejada, falta de acesso aos métodos anticoncepcionais com orientação médica etc.

Um levantamento realizado em 1986 pelo Centro de Informação da Mulher, a pedido do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (atualmente esvaziado), demonstrou que de 1975 para cá o

